

# Torre muda na campanha

AFONSO GOZZOLINO  
Da Editoria de Política

A feira da Torre de TV, habitualmente visitada por turistas e moradores de Brasília, tem agora novos frequentadores, pelo menos até novembro: candidatos à Constituinte e cabos eleitorais. A caça ao voto está se tornando rotina aos sábados e domingos. Nos estacionamentos sempre há muitos carros de campanha parados. Nas barracas é comum encontrar santinhos. E muitos candidatos aproveitam o fim de semana para conseguir — ou tentar conseguir — alguns votos a mais.

Cada candidato tem um estilo. Enquanto Elza Lugon, que concorre à Câmara pelo PFL, simplesmente estacionou um reboque com uma placa sua próxima às barracas, Léa Sayão, que tenta uma vaga no Senado pelo PMC, distribuiu livros e santinhos, além de conversar com eleitores.

Existem também os candidatos que estão na Torre porque trabalham na Torre. É o caso do artesão Bahia Lima, que concorre ao Senado pelo PN. Todos os sábados e domingos ele monta sua banca de bijuterias e pede votos aos que passam, distribuindo santinhos "controladamente". Não impeco o trabalho dos outros candidatos, "contou Bahia, que acredita ter muitos votos graças a seu trabalho na Torre. "Aqui é um bom lugar para se fazer campanha", disse.

De fato. Visitar a feira da Torre de TV já virou tradição na cidade. Semanalmente milhares de pessoas

vão ao local, constituindo-se em uma boa alternativa de trabalho na caça ao voto corpo-a-corpo. Orlando Cariello, candidato à Câmara, do PT, não pôde ir à Torre, mas mandou oito cabos eleitorais seus. "Nós trouxemos cinco mil panfletos e acho que eles não serão suficientes", disse Orismélia Mota Gomes, uma das militantes. Ela afirmou que todos trabalham "por simpatia e compromisso com o PT" e não ganham nada por isso. Ao contrário, segundo Orismélia, os cabos eleitorais do Partido dos Trabalhadores têm que pagar para trabalhar: "E gasolina, uma refeição, enfim, vai um bom dinheiro, mas vale a pena, porque botando ele (o candidato) no Congresso, tiramos alguns dos que estão lá e conseguimos mudar alguma coisa", afirmou.

Os cabos eleitorais do PT passaram a manhã de ontem colocando panfletos em para-brisas de automóveis e entregando papéis diretamente aos eleitores. Em alguns casos, o trabalho foi facilitado. Dizendo-se simpatizante do PT, "o partido que representa a juventude, os trabalhadores e os oprimidos", o estudante Roberto Wagner aproximou-se dos cabos eleitorais pediu um panfleto. "Vou votar no PT e quero conhecer os candidatos", contou. Mas na farta distribuição de panfletos e santinhos há também desentendimentos. Roseli Pereira, que está "de passagem por Brasília" recebeu um papel dos cabos eleitorais de Cariello, mas disse que votará em Paulo Maluf. "Meu título é de São Paulo, mas prometo ler esse pan-

fleto", disse. Outro eleitor mal escolhido foi Gilberto Lopes, que vota em Uberaba, apesar de morar em Brasília. Ele protestou contra a ação dos cabos eleitorais e candidatos na Torre. "Campanha eleitoral não combina com feira e domingo é dia de disse.

## LEA SAYÃO

A candidata Léa Sayão, única mulher no DF que tenta uma cadeira no Senado, também foi à Torre ontem de manhã. Dizendo-se "superpioneira", por ser filha do engenheiro Bernardo Sayão, um dos construtores de Brasília, ela contou que sempre vai à Torre e que costuma ter "bons resultados". Para Léa, que tem toda sua campanha calcada na imagem do pai, as pessoas estão "muito desiludidas com os candidatos que estão por aí. Por isso, eu sou uma boa opção: quando os eleitores lêem o nome Sayão sabem que ele significa trabalho e honestidade", afirmou a candidata — que carregava uma placa com seu nome e número e uma bolsa com santinhos e exemplares do livro "Bernardo Sayão, Meu Pai", de sua autoria — conversou com diversos eleitores, diante da reportagem do CORREIO. Entre eles, estava Walter Tarrago, controlador de tráfego aéreo e "eleitor indeciso", conforme se definiu. "Acho o corpo-a-corpo muito bom, porque muita gente não sabe ainda em quem vai votar", afirmou após conversar com a candidata. Walter acredita que Léa Sayão "pode ser uma opção de voto". Ele diz que o nome Sayão "pode pesar na minha decisão".